



# REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Beatriz da Costa Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação docente, promovendo a integração entre teoria e prática. O presente trabalho tem como objetivo descrever as vivências do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II (ESEF II) realizado em um contexto atípico de greve, o que impactou diretamente a organização dos semestre e o tempo de realização das atividades previstas. O estágio foi realizado em uma escola municipal da rede pública de ensino do município de Fortaleza, em turmas de 6º e 8º ano, durante o segundo semestre do ano de 2024. Durante o estágio foi possível observar o impacto da figura docente na dinâmica de sala de aula, a importância do alinhamento do conteúdo e a realidade dos alunos e com base nisso surgiram reflexões que foram discutidas ao longo do relato de experiência. O trabalho reflete acerca das vivências em sala de aula, da observação docente e levanta questionamentos sobre a realidade da educação. A experiência do estágio mostrou-se, mais uma vez, desafiadora, contudo, revelou-se exitosa e oportunizou aprendizados e percepções significativas.

**Palavras-chave:** Estágio. Desafios. Experiência. Carreira docente.

## 1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado se caracteriza como parte da formação inicial do docente, propiciando a conexão dos conhecimentos pedagógicos e da área específica de formação através da integração da teoria e da prática (Sousa; Indjai, Martins, 2020). Sendo assim, o estágio supervisionado no ensino fundamental II (ESEF II) é a continuação das experiências obtidas no primeiro estágio, fechando a etapa de formação para a atuação nos anos finais do ensino fundamental.

Em março de 2024, teve início uma greve nacional no ensino público superior, que na Universidade Estadual do Ceará (UECE) se estendeu até o mês de junho. Devido a isso, tanto o meu Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I (ESEF I), quanto o

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Ceará - UECE, e-mail: [anabeatriz.costa@aluno.uece.br](mailto:anabeatriz.costa@aluno.uece.br);

Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II (ESEF II), foram realizados dentro do contexto grevista, necessitando de ajustes para se ajustar ao tempo e condições derivadas desse processo.

No contexto da realização do meu segundo estágio, o semestre de 2024.2 sofreu alterações para se organizar nos meses seguintes, adequando-se para minimizar os danos e os atrasos no calendário. Desse modo, o segundo semestre de 2024 iniciou-se em outubro com previsão de encerramento em fevereiro de 2025. Com isso, o calendário acadêmico e o calendário escolar sofreram um desencontro que forçou a tomada de medidas para redução do tempo de estágio e a reformulação das atividades previstas. A adaptação a essas circunstâncias exigiu paciência, diálogo, compreensão e planejamento para a criação de estratégias que não só permitissem o cumprimento do estágio curricular mas também fosse possível dentro dos limites de tempo e cronogramas.

Diante disso, a experiência nesse estágio foi vivenciada de forma totalmente atípica, o que confere a esse momento um caráter ainda mais único e singular. De acordo com Dourado (2015), as vivências de estágio nos cursos de licenciatura proporcionam sustentação para a construção da identidade profissional do docente. Estar inserido em sala de aula como docente durante uma situação de greve confere aos graduandos de um curso de licenciatura uma visão totalmente diferente da percepção de estudantes de cursos de bacharelado ou daqueles que ainda não cursaram as disciplinas de estágio supervisionado. De certo modo, o discente se encontra em uma linha imaginária onde ao mesmo tempo ele é o estudante com aulas paralisadas e ao mesmo tempo a figura de um professor, assim como os servidores da paralisação.

O presente resumo expandido é um relato de experiência que visa descrever e refletir sobre o período de estágio, considerando para fins narrativos tanto a vivência em sala de aula quanto o contexto de readaptação acadêmica após a greve docente implantada nas universidades públicas no início de 2024. Serão descritas as circunstâncias em que os estágios ocorreram e levantadas reflexões sobre o impacto desses semestres atípicos na realização dos estágios.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **O Pré Estágio e a escolha da escola**

Em decorrência da greve e de circunstâncias relacionadas ao cronograma da própria disciplina de ESEF II, os procedimentos legais para realização do estágio, como escolha do colégio, autorização da Secretaria de Educação de Fortaleza (SME) e assinatura da documentação necessária demoraram alguns dias para serem realizados. Com essas circunstâncias somadas, a execução dessa etapa de formação pareceu ter sido bem mais complicada do que de fato foi, seja pela súbita mudança de datas, seja pelos desafios inerentes ao estágio em si.

No meu estágio anterior, realizado no semestre de 2024.1 e também em contexto de paralisação universitária, eu estagiei em um colégio da rede particular de ensino, nas turmas de 6º ao 9º ano. Para o segundo estágio, apesar do tempo escasso para as burocracias da rede pública municipal da cidade de Fortaleza, escolhi um colégio municipal próximo a minha casa para exercer as atividades curriculares, a fim de ter uma outra visão dos anos finais do ensino fundamental em uma escola pública. Foi assim que eu me vi novamente em sala de aula, mas dessa vez apenas em turmas de 6º e

de 8º ano, sendo duas de cada. Ao todo, estava com uma carga horária de 8h por semana no colégio, uma vez que o tempo total para a realização era curto e precisava ser conciliado com outras atividades acadêmicas, quase ou tão importantes quanto para a minha formação.

Dessa maneira, talvez parte mais desgastante do estágio não tenha sido a permanência em sala de aula, mas todo o desassossego do contexto do semestre, ocasionando por motivos que fogem do controle até mesmo da própria universidade.

## **O estágio em si**

Nas segunda-feira, eu acompanhava meu supervisor durante a manhã, momento em que ele havia duas aulas em cada turma do 8º ano. As turmas eram bastante numerosas, as salas amplas e com espaço suficiente para acomodar os alunos, apesar do alto contingente. Durante meu período de observação os alunos se mostraram bastante interessados e participativos durante as aulas, ainda que a metodologia usada pelo professor tenha sido a mais clássica: livro didático e lousa para a correção dos exercícios sobre maritimidade e continentalidade. Nas aulas seguintes, nas quais eu já estava no período de regência, o cenário não foi muito diferente. Claro que não se pode exigir que adolescentes passem quase duas horas totalmente focados em uma aula, mas eles se mostraram, em sua maioria, envolvidos com o conteúdo explanado, interagindo e realizando as atividades propostas.

Durante minha regência nessas turmas, o capítulo sobre o qual ministrei a aula tratava sobre eletricidade. A princípio fiquei insegura quanto ao conteúdo, uma vez que ele foge do nicho biológico e durante a graduação não há nada que nos prepare como professores para lecionar nessa esfera. É ligeiramente complicado que profissionais formados em biologia estejam incumbidos de ensinar sobre uma temática que eles próprios não possuem formação específica, ainda que o assunto seja tratado de forma superficial e introdutória na educação básica. A dúvida que fica é se esse trabalho tem conseguido ser executado diante de tantas outras ocupações atribuídas ao professor. E ainda, quais são as implicações disso tanto na educação quanto no profissional.

As aulas foram pensadas de modo a se adaptarem à realidade das turmas, uma vez que por ser um conteúdo relacionado a física e a cálculos, geralmente já sofre uma rejeição por parte das turmas. O professor comentou que a turma como um todo não tinha base matemática para se aprofundar em cálculos e equações, então seria mais proveitoso se debruçar sobre questões de descarte adequado de pilhas e baterias, materiais condutores e isolantes, circuitos elétricos em série e em paralelo - aproveitando a proximidade do Natal o exemplo das luzes de pisca-pisca como um circuito em série chegaram em boa hora. Perguntas do tipo “você já levou um choque?” e “quem sabe qual o lugar mais seguro durante uma chuva?” eram gatilhos para chamar a participação de quase toda a turma, cada um querendo contar sua experiência e fazer uma pergunta relacionada. É perceptível que o fato de trazer a temática para a realidade e o dia a dia dos alunos faz total diferença no entendimento e no engajamento durante as aulas, já que assim a aprendizagem passa a ter um objetivo e uma motivação individual para cada um, assim como defendido pelos autores que discutem a aprendizagem significativa (Moreira, 2012) (Pivatto, 20214).

Às quinta-feira, as manhãs eram ocupadas pelas turmas de 6ºano, que também possuíam aulas geminadas. Diferente do 8ºano, o conteúdo de ciências dessa série era

biologia no seu conceito mais primordial: o corpo humano. O estudo da anatomia e fisiologia humana parecia bem mais próximo do que se imagina de uma aula de ciências. Nessas turmas os alunos eram mais dispersos, mas igualmente numerosos e distribuídos amplas salas com ventiladores.

Admito que minha familiaridade com essa temática era quase tanta quanto com a eletricidade trabalhada no 8º ano. Estava cursando a disciplina de Anatomia Humana ao mesmo tempo em que realizava o estágio, o que com certeza foi muito bom para entender as necessidades pedagógicas dessa área na educação básica. Ainda assim, fiquei aliviada por ser responsável apenas pela revisão e correção das atividades sobre os sistemas circulatório, respiratório, endócrino e excretor, que foram todos alocados em um único capítulo de livro, juntamente com um vislumbre geral sobre fotossíntese e conceituação sobre a organização celular da vida.

Apesar de mais novos e comumente mais agitados que os estudantes da outra série, da sua própria forma, as turmas eram participativas e estavam sempre envolvidas na aula, ainda que para isso fosse necessário um certo grau de malabarismo e estratégia de comunicação. Longe de estabelecer uma turma como melhor do que a outra, isso evidencia as diferenças entre as idades, estágios de desenvolvimento e ressalta como é importante que o professor esteja atento a essas particularidades, a fim de adaptar sua estratégia de acordo com cada série e turma.

### **Traçando um paralelo**

De modo geral, todas as quatro turmas em que realizei o estágio mostraram um comportamento de respeito com o professor e de cooperação ativa com a aula, o que pude perceber durante minha observação. Nos meus momentos de regência, observei a mesma postura. Vez ou outra o cenário mudava um pouco, mas a situação logo voltava à normalidade. Eu poderia pensar que esse comportamento era visto em toda a escola e que essas turmas não seriam a exceção, mas pelo que vi e conversei com o meu supervisor, as outras turmas não eram tão colaborativas quanto essas. Ou melhor, essas turmas não eram tão colaborativas com outros professores quanto eram com este. Por que?

Conversando com o professor supervisor, ele me disse algumas das suas considerações sobre sua experiência em sala de aula. É preciso conversar com os alunos, gastar tempo para estabelecer o que ele chamou de “combinados”. Saber a hora de falar sério e de ser mais familiar com os alunos. Na concepção dele, isso era um fator determinante para se conseguir o respeito da turma e conseguir cumprir com os planos para o ano letivo de forma eficaz, não só para cumprir as metas da educação, mas também para o proveito dos estudantes.

Pensando sobre a minha experiência nesse estágio, eu vi que, mesmo diante dos percalços para sua realização, a vivência e os aprendizados adquiridos neste foram bem diferentes do primeiro estágio. Seria injusto comparar uma segunda experiência com um primeiro momento onde teve início a formação prática da identidade docente profissional e onde todas as nuances dessa ação foram confrontadas pela primeira vez. A comparação não é essa. O paralelo feito é entre a diferença que faz a postura do professor, dentro e fora de sala de aula, e o impacto disso nas turmas e também em mim, como estagiária. Se por um lado um docente desmotivado ou impossibilitado de exercer idealmente seu papel de educador reflete nas turmas em que leciona, um professor

instigado pela profissão e com condições (logísticas, emocionais, trabalhistas) também ajuda na formação da identidade e no retorno da classe.

De forma alguma o descaso ou desinteresse pelo estudo de certas turmas recai sobre o professor, contudo é inegável que a relação professor-aluno e o grau de empenho deste é um dos lados desse complexo prisma que é a problemática da educação. O fato é que, ao observar comparativamente, não os profissionais, mas o recorte percebido durante o curto período dos estágios, fica evidente que o professor ainda é a figura central para tentar entender e encontrar uma saída para a crise educacional enfrentada, a qual possui diversas e profundas motivações. Mas, se o professor deixar de acreditar no ensino e na mudança, quem mais vai continuar acreditando?

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste relato abordei os principais acontecimentos e alguns pensamentos que tive durante e após o estágio supervisionado, a fim de compartilhar os desafios enfrentados e destacar a minha experiência pessoal. Para mim, são nítidos os pontos melhorados no quesito do próprio exercício pedagógico, bem como a diminuição de dúvidas e incertezas vistas na experiência anterior.

As reflexões feitas nesse relato não tem um viés crítico ou de descontentamento, são apenas perguntas levantadas por uma graduanda que vê na docência um caminho confuso e pouco linear, com muitas indagações e questionamentos. No entanto, ainda com essa constante busca pelo sentido e entendimento das situações experienciadas e das dificuldades enfrentadas pelos transtornos da greve, a vivência tida nesse estágio foi proveitosa e gratificante.

### REFERÊNCIAS

DOURADO, L. F. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do Magistério da Educação Básica: concepções e desafios. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 131, p. 299-324, abr./jun., 2015.

MOREIRA, M. A. O que é afinal aprendizagem significativa? 2010. **Instituto de Física–UFRGS**. Porto Alegre, 2016.

PIVATTO, W. B. Os conhecimentos prévios dos estudantes como ponto referencial para o planejamento de aulas de matemática: Análise de uma atividade para o estudo de geometria esférica. **Revista eletrônica de educação matemática**, vol. 9, no 1, agosto de 2014, p. 43. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.5007/1981-1322.2014v9n1p43>.

SOUSA, L. M. de; INDJAI, S.; MARTINS, E. S. Formação inicial de docentes de biologia: limites e possibilidades do Estágio Supervisionado no ensino médio. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–12, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v2i2.3668. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3668>. Acesso em: 4 fev. 2025.